



## Já é tempo de comunicarmos melhor

*Celso Foelkel*



Os sectores florestal e de papel e celulose são bastante conhecidos pelo seu comportamento “low profile” ou “no profile at all”. Isso em resumo significa: ficar à distância dos meios de comunicação, investir pouco em melhorar a imagem e deixar para ver como as coisas ficam, ou como elas se ajeitam sem as suas intervenções. Historicamente, pode-se até mesmo entender as razões para isso. O sector de celulose e papel sempre buscou localizações mais distantes dos grandes centros populacionais, bem como sempre teve suas actividades de comunicação muito vinculadas a dar explicações sobre temas ambientais, como sobre as plantações florestais, liberação de odor, efluentes, resíduos sólidos, contaminações do meio ambiente, etc. Uma missão nada fácil, mas que hoje se mostra vital para a continuidade do sucesso como negócio e para a aceitação pela sociedade. Diversos empreendimentos novos do sector têm sido rejeitados pelas comunidades onde querem se instalar ou prosperar. Os fantásticos mosaicos de sustentabilidade florestal que desenvolvemos são entendidos pela sociedade como desertos verdes de monoculturas. Nossos avanços em protecção ambiental e prevenção da poluição também não são conhecidos ou são ignorados. Infelizmente e em geral, nossos representantes e dirigentes possuem dificuldades para se expressar de forma adequada e na linguagem que o povo necessita ouvir. Como sempre estiveram acostumados a falar com autoridades governamentais, políticos, técnicos e banqueiros, acabam falando em uma linguagem que é associada à prepotência pelos cidadãos, embora não seja esse o propósito. Contrariamente, as associações comunitárias e as ONGs (Organizações Não Governamentais) vivem hoje um momento histórico, oportunizado pela explosão

do Terceiro Sector e pelo dinamismo da Internet. Como nossas actividades são por elas consideradas impactantes e como somos pouco hábeis em nos comunicar, o estrago a nível mundial tem sido grande. Só há uma maneira de nos contrapormos a isso. É saber melhor comunicar e melhor informar sobre nossas conquistas ambientais, nossas tecnologias e sobre o que geramos de benefícios. A grande verdade é que como técnicos, temos algum tipo de receio em participarmos desses tipos de debates e de nos confrontarmos com os que falam uma linguagem muito distinta da nossa. Nossas argumentações são às vezes por demais académicas e não temos muitas habilidades para lidar com o lado emocional. Isso precisa mudar urgentemente. Boa comunicabilidade e credibilidade passam agora a serem novos atributos no currículo dos técnicos para esses sectores. Um importante passo é o desenvolvimento de amplo trabalho de conscientização e educação sectorial de todas as pessoas directamente associadas às empresas: funcionários, terceirizados e contratados. Afinal, todos merecem o direito, a oportunidade e o dever de serem porta-vozes do sector em sua vida diária. É preciso saber explicar nossas verdades de forma franca e convincente. Cabe então nos agregarmos rápido no desenvolvimento dessas respostas, na apresentação das mesmas em linguagem adequada e decodificada para que a sociedade nos entenda melhor. As associações de classe podem auxiliar nisso. Desenvolvidas as informações, essas precisam ser amplamente difundidas: nada melhor do que usar o papel, as pessoas e a Internet para fazer isso. Somos ainda muito tímidos, talvez até mesmo incompetentes nesse sentido. O momento é esse, não dá para esperar mais. Sem isso, estaremos ameaçados de não conseguirmos apoio popular para crescermos e nem mesmo o das autoridades, que são muito sensíveis à sua própria imagem. Portanto, amigos técnicos, vamos arregaçar as mangas e trabalhar em conjunto. E isso precisa ser feito rapidamente. Não dá mais para continuar sendo “low profile”. Isso deve ficar como história passada.